

Divulgação

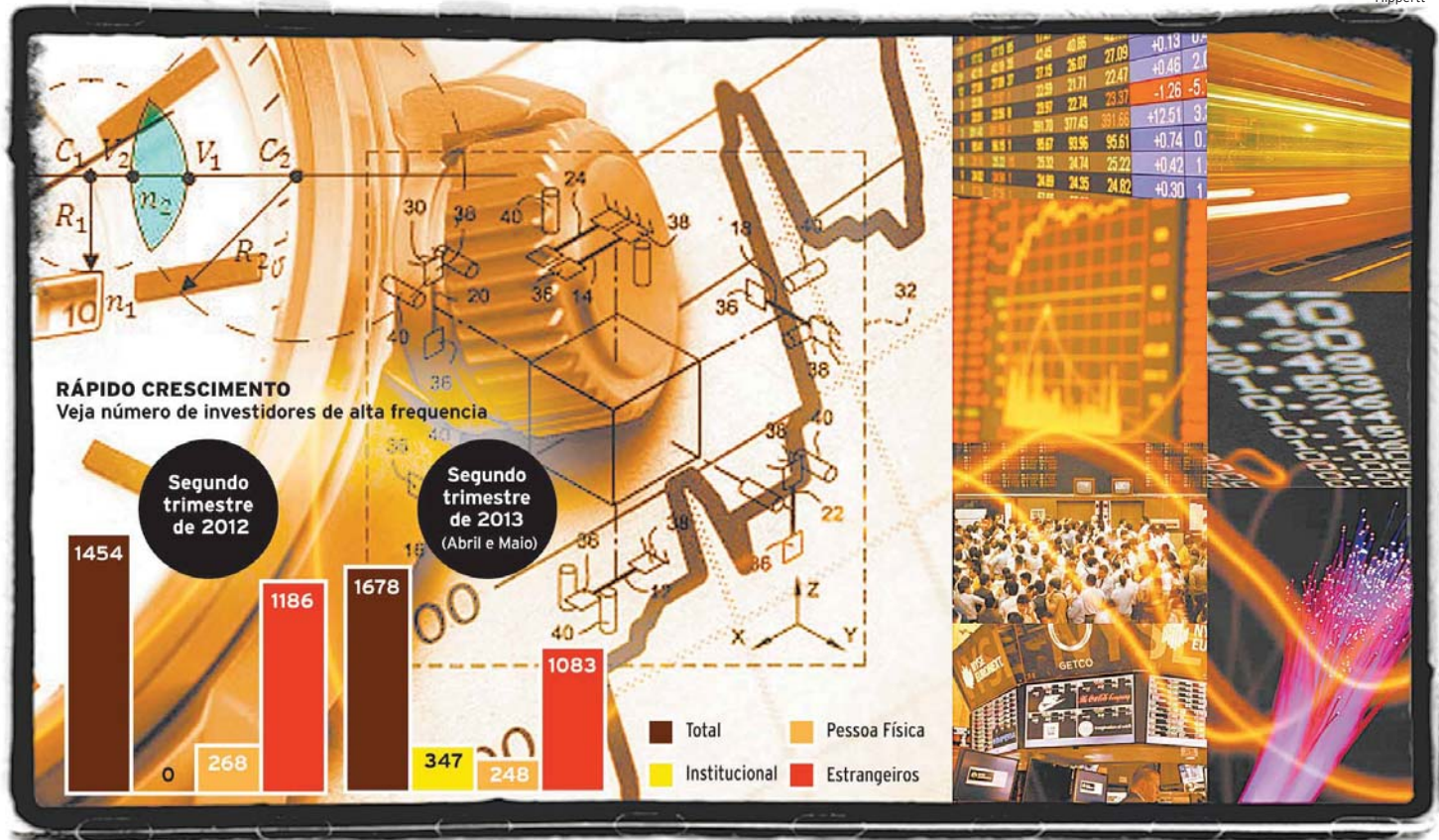


ADMINISTRAÇÃO DE FORTUNAS

JPMorgan se separar da área de private

O JPMorgan Chase informou que sua unidade de private equity, a One Equity Partner, se tornará uma unidade independente e levantará fundos de um grupo externo de parceiros. O One Equity, que administra US\$ 4,5 bilhões, continuará a fazer investimentos diretos pelo banco por um período provisório e ainda irá gerir o grupo existente das empresas que estão no portfólio pelo JP. Reuters

Hippert



Em questão de milissegundos

Redução de tempo de operação atrai investidores para bolsa, mas velocidade ainda é lenta se comparada aos EUA

Natália Flach
nflach@brasileconomico.com.br
São Paulo

Cada segundo, uma eternidade. Pelo menos para os negócios nas bolsas de valores em que as ordens de compra e venda precisam ser executadas em questão de milissegundos. A velocidade para grandes aplicadores é tão importante que tem sido fundamental para o aumento de negócios na bolsa brasileira. Na semana passada, a plataforma multiativos unificada da bolsa completou dois meses de funcionamento e, desde então, os segmentos Bovespa e BM&F têm batido recorde atrás de recorde. A última marca histórica foi obtida na terça-feira, quando o volume de operações atingiu 209 mil negócios.

Por trás desses números, estão cada vez mais investidores de alta frequência (ou high frequency traders, em inglês) tentando fazer bons negócios em milissegundos.

“Tinhamos Ferraris, mas a avenida não era tão boa quanto agora”, diz Rogério Paiva, sócio-diretor

da BLK Sistemas Financeiros. Não é à toa que tem havido maior interesse por parte das corretoras em oferecer essa sofisticação de serviços. “A bolsa ficou muito veloz e a capacidade de ordens aumentou muito com a plataforma PUMA, mas nem todas as corretoras estão prontas”, afirma.

O problema é que os custos de construir um sistema próprio de alta frequência são muito altos e o momento atual é bastante delicado para as corretoras, que estão vendo as suas receitas minguarem. Na outra ponta, estão os clientes HFT que, em sua maioria, são investidores estrangeiros ou institucionais. Fernando Freitas é um deles. O diretor de operações da Interfloat abandonou a carreira na Microsoft, em 2009, para abrir um fundo de operações próprias com estratégias baseadas totalmente em alta frequência. Hoje, ele e o irmão operam no segmento BM&F, e a média mensal negociada é de 200 mil contratos futuros e 30 mil de dólar.

“Comparativamente com Nas-

daq e Nyse, estamos ainda atrás. Se o tempo médio de processamento aqui é de 1,5 milissegundos, lá fora, é de 500 microssegundos, lá fora, é de 500 microssegundos”, diz Freitas. “Outra dificuldade

“**Comparativamente com Nasdaq e Nyse, nos EUA, estamos ainda atrás. Se o tempo médio de processamento aqui é de ,5 milissegundos, lá fora, é de 500 microssegundos”**

Fernando Freitas
Diretor da Interfloat

é o fato de termos apenas uma bolsa. Com isso, ficamos limitados com o número de operações possíveis (dólar, mini dólar, índice e mini índice) e fica mais difícil fazer arbitragem. Daí vem a importância da baixa latência, afinal, estamos todos disputando o mesmo centavinho.”

Latência é o tempo de resposta e é importante para que as cotações cheguem corretamente. Afinal, não adianta ser o mais rápido com o preço errado. “Hoje é possível ter informação em tempo real e ser avisado se tiver uma latência acima de um determinado patamar. A corretora também tem que saber quanto que cada cliente envia de ordens porque a bolsa tem um controle sobre a taxa de execução. Se o investidor mandou 10 mil ordens duas mil foram executadas, o ratio é baixo e a corretora pode ser penalizada por isso”, afirma José Angelo Zanoto, diretor comercial da Ecodigite.

Gustavo Ribeiro, diretor executivo da Sterling Trader, acrescenta que, por meio do sistema de negociação da companhia,

são executados diariamente R\$ 250 milhões a R\$ 350 milhões, sendo que a maior parte é de estrangeiros. “É crescente o número de investidores com essas características. Hoje, temos mais de 10 mil usuários e o Brasil é visto como mercado bastante interessante. Achamos que deve vir cada vez mais”, acrescenta.

As velocidades de milésimos por segundo que as bolsas estão implantando ainda está distante da capacidade de processamento de operações do cérebro humano, estimada em 100 trilhões de operações por segundo, ou 100 teraflops. Mas para operações específicas, os “robôs” das bolsas são mais eficientes. Segundo o neurocientista Jorge Doll, presidente do Instituto D’Or e coordenador de pesquisa em neuroinformática, o cérebro humano é imbatível para processar variáveis complexas. “A estimativa é de que somente em 2050 será desenvolvido um computador com a mesma capacidade de processamento de operações que o cérebro”. **Com Eliane Velloso**